



A BENEFICENCIA; ESCULPTURA DE CANOVA.

A ARCHITECTURA e a escultura, em consequencia das immediatas relações que entre ellas subsistem, são consideradas irmãs gêmeas, posto que em pontos de antiguidade tenha a primeira a precedencia sobre todas as Bellas-Artes. É desconhecido o periodo em que a escultura [no sentido ordinario da

palavra, referida ás imagens da existencia animada] começou a ser praticada. Porem, desde que ha certeza na sua historia, vemos notavel concordancia entre o seu estado e progresso e o da arte coirmaã: as figuras esculpidas do Egipto e da India exhibem os mesmos caracteres de simples originalidade e pon-

derosa dignidade, que se observam nos monumentos da architectura dessas regiões: os vestígios das artes gregas, que o tempo nos legou, harmonizam-se na graça e na belleza; e a fortaleza dos edificios romanos exprimem o mesmo typo ideal que os vultos de gladiadores e as estatuas equestres. O grandioso estylo architectonico da idade média corresponde a igual auge da estatuaria; e as variadas formosuras do moderno estylo combinam-se com o renascimento da esculptura em a nossa era.

Desde a epocha de Miguel Angelo até a ultima parte do seculo passado a esculptura gradualmente declinou: coube porem a maior gloria da sua restauração ao homem de quem fallaremos brevemente.

Em meio dos recessos dos outeiros, formados pelas extremas ondulações dos Alpes venezianos sobre as planicies de Treviso, jaz a obscura povoação de Possagno, só digna de noticia por ser patria de Antonio Canova. Ahi nasceu este grande esculptor, em humilde condição, no 1.º de Novembro de 1757: seu pai, Pedro Canova, era canteiro e lavrante de pedra. Canova na meninice deu indícios do seu talento, por fórma tal que João Faliero, nobre veneziano, que naquella logar possuía uma casa de recreio, observando as felizes disposições do futuro artista, o tomou de idade de 14 annos a seu cargo, e o metteu no tyrocínio da esculptura sob a direcção do mestre Torretti. Conta-se que antes da sua aprendizagem succedêra com elle o seguinte caso. Dava Faliero na sua quinta de Possagno uma festa e banquete a numerosos convidados; esqueceram-se os creados de preparar algum trophéu ou ornamento para a coberta das sobremesas; afflictos temiam por isso a colera de seu amo; então lhes acudiu uma creança: Canova requereu uma porção de manteiga, e simplesmente com as mãos e a lamina d'uma faca modelou um leão tão perfeito e ao natural, que collocado na mesa enleou os olhos dos circustantes e suppriu outros quaesquer enfeites. Foi para estimulo chamado á sala e recebeu os applausos de toda a companhia.

Com as primeiras obras que fez em marmore começou a famigerada reputação de Canova, e cresceu com as muitas, que desempenhou, recebendo e satisfazendo encomendas de muitos principes e poderosos. Pela primeira vez foi a Roma em 1779, por intervenção de Faliero, na comitiva do embaixador da republica: voltou depois a Veneza, onde fez breve estada, indo novamente para Roma com uma pensão do governo. Sendo escolhido para executar o monumento de Ganganelli [Pontífice, Clemente XIV] na igreja dos S.^{tos} Apostolos; esta obra magnifica coroou a sua merecida fama. Antes porem de o completar começou o modelo do mausoleu de Rezzonico [Clemente XIII]: esta obra collocou-se no grande templo de S. Pedro; é um bello esforço de genio na concepção e da arte na execução: o anjo da morte, e os dois leões na base, são prodígios de cinzel, nunca assaz louvados.

Canova, em quanto moço viajou pela Alemanha; esteve em París e Londres: ao recolher a Roma deram-lhe patente de nobreza com o titulo de Marquez d'Ischia. — Falleceu em Outubro de 1822. Era homem bondoso e modesto, favorecedor dos alumnos da sua arte, a alguns dos quaes deu pensões: fundou da sua bolça um bom premio para esculptura na Academia de S. Lucas, da qual foi presidente perpetuo.

A gravura, que precede o nosso artigo, representa um grupo do monumento, feito em 1805, da archiduquesa Maria Christina, mulher do principe

Alberto de Saxonia: figura a Beneficencia sustendo um velho pobre e enfermo, e na acção de subir os degraus do tumulo: uma grinalda funeraria liga o grupo ao restante do acompanhamento.

Pelo que respeita ao merito das obras e ás particularidades da vida deste grande mestre, vid. Cicognara, *Storia della Scultura* tom. 3.º, e Missirini, *Vita di Canova*, in 8.º

O MACROBITA.

2.º

No DIA seguinte, ao amanhecer, ergueu-se o pintor para fumar segundo o seu habito, vulgar entre a gente do norte da Europa, e não pouco introduzido nos povos do sul: descendo da alcova, assentou-se encostado ao muro da granja, olhando para a extensão do prado. Ao socego da noite succedêra o rumor da tarefa campestre: as aves caseiras annunciavam a alvorada; os bois vagarosos carregavam a grade niveladora e outros instrumentos agrarios: giravam sobre a relva enxames de borboletas, e para o nascente erguiam o vôo bandos de andorinhas: os aromas das plantas, refrescadas pelo orvalho, recreavam o olfacto do estudante [que fôra] de Gottinga, em concurrencia com o fumo do tabaco hungaro, que exhalava pelo tubo do cachimbo seus acres vapores.

Em meio desta bemaventurança tão presada do fumante allemão, Hasslinger machinalmente deitou a vista para o logar onde Guilhermina desmaiára: tão inexplicavel lhe parecêra o medo de sua irmã, que a curiosidade o abstrahiu da sua meditação oriental, e o instigou a explorar com miudeza o sitio daquelle imprevisito acontecimento. Á excepção do brilho do sol que dourava os dispersos montinhos d'herva, não havia alteração no terrado, comparativamente com a vespera: porem uma só e frivola circumstancia deteve a attenção de Hasslinger. Estava aberta a meia-porta d'uma janella rente do chão, no proprio local do successo. O pintor sem cerimonia poz-se a olhar dalli para dentro do palacio: viu uma camara vasta, sem moveis, com o tecto cheio de amorinhos e nymphas, que, apesar da rotundidade das bochechas allemaãs, o perito Vatteau não desapprovaria, ainda que por obra sua os inculcassem: as teias d'aranha de reflexos cambiantes e tecido compacto embrulhavam Diana e Acteon na mesma rede, ou juntavam forçosamente a fugitiva Daphne e Apollo esbaforido: no centro da casa encontravam-se as pavêas de luz, que o sol matutino dardejava horisontalmente por meio dos caixilhos, que a humidade desconjuntára: milheiros de moscas, senhoras e habitantes pacificas do aposento, cruzavam zumbindo o esplendente dos prismas luminosos. E eis-aqui em que parava o mysterio daquelle quarto inferior.

Hasslinger tão sómente se demorára para observar o colorido da encarnação d'estilo flamengo; no entanto viu distinctamente abrir-se uma porta lateral, e sahir por ella um moço alto, cuberto de capote, que se encaminhou vagarosamente para a janella onde o pintor espreitava; não o descubria porem porque trazia a cabeça inclinada olhando para o chão, como quem contava as taboas do soalho: parecia que por instincto seguia um caminho que lhe era familiar: por isso o viajante teve tempo de recuar e prolongar-se com a parede, para não ser visto. Dahi a pouco divisava-se chegado á vidraça o rosto macilento do mancebo, que por alguns momentos com olhos languidos mas formosos contem-

plava a ascensão do sol radiante no céu, ao oriente da tapada. Hasslinger, posto que commovido pelo character expressivo daquelle semblante, não deixou de fixar na memoria as maravilhosas feições que o acaso ministrára ao seu estudo: conformes eram ellas áquelle typo britannico, já actualmente raro, que confunde em a mesma idealidade as linhas severas do Norte com os graciosos contornos do Meiodia. Mas a apparição foi breve: o conspecto do campo sensibilisou o mancebo, porque os olhos se lhe arrasaram de lagrimas, e retirou-se. Pela sua parte, Hasslinger, fumando sempre, divagou algum tempo pelo terrado, e como ia alta a manhã, tomou a vereda da granja, concentrando, mas por demais, as supposições do juizo no que tinha acabado de presenciá-las. O pintor não era homem de genio romantico: só dois interesses conhecia no mundo, a saude de sua irmã e o estudo da sua arte. Vivendo retirado n'uma bonita casa de Berlim, empregava seu modico patrimonio, ou nos desvelos que requeria o precario estado de Guilhermina, ou em distrahir-se da importuna sombra de maguas futuras. Nesta vida melancolica, repartida entre apprehensões do coração e trabalhos da intelligencia, ora predominava a dor de irmão com prudencia reprimida, ora a emulação d'artista que é difficilmente victoriosa: mas essa violencia d'animo e affectos era instantanea; porque nella entrava menos o character que o temperamento. Apoz estas rupturas de equilibrio só ficava, nos sentimentos do pintor, uma desconfiança geral que abrangia a todas as cousas, excepto o bello ideal da arte, e a todas as pessoas, excepto Guilhermina. Portanto o mysterioso encontro só lhe podia excitar, até aquelle ponto, uma attenção de vaga curiosidade. Porem, sobre a relva e junto á granja, divisou sua irmã em postura meditada, que sentada onde elle havia pouco estivera, não tirava os olhos, como elle não tirára, do lado oriental do palacio. Foi o golpe subito vibrado: Hasslinger turbou-se; sentiu aquella frieza de coração, annuncio de qualquer traição d'improviso revelada, de qualquer hypocrisia secretamente descuberta. Mas equilibrou o pesar com a astucia. Ao findar do almoço, abriu negligentemente o seu album, e tomou um lapis.

— “Pertendo saber [disse risonho para Eberhard] a opinião que fazem do character d'uma physionomia d'homem, com que sonhei esta noite. As inspirações dos artistas nascem muitas vezes d'um sonho... Vejam este perfil...” —

Approximaram-se os dois ao pintor: o lapis, dirigido pela mão que parecia agitada por accesso febril, desenhava no pergaminho do album traços fantásticos, mas firmes.

— “Que pensam disto?...” disse o artista, apresentando primeiro á donzella o vivo bosquejo do homem do capote. — Nesse momento, no rosto sereno de Guilhermina estava impressa admiravel candura: mas assim que ella percebeu a parecença da imagem, apertou o peito com a mão direita, como se lhe palpitasse mais veloz o coração, abaixou as palpebras, e inclinou a cabeça, sem nada responder. Hasslinger estremeceu, e não ousando insistir, voltou-se para o director: —

— “E tu que dizes?...” —

— “O ideal deste perfil é maravilhoso [respondeu Eberhard com voz triste]: a meu ver, não penso que exista no mundo...” —

— “Tens razão [replicou o pintor descorando], só o Mephistopheles do Goethe sabe revestir, com infernal intenção, estas exterioridades de sobejo perfeitas para serem humanas. Quando me sobreveio

este sonho, talvez que eu tambem tivesse o ideal de uma Margarida no espirito e no coração! (1) Mas não succumbirá esta, que o juro eu!...” —

O exame das pinturas foi negligente, tão melancolico e pesado, como o coração daquellas tres pessoas; e silencioso até chegarem ao quadro de Overberck — a *Alemanha e a Italia*. — Hasslinger, que no decurso de seus estudos se imbuíra d'idéas livres, achou meio de desafogar na arena politica a choleira sopitada, que o estado de saude de sua irmã não permittia deixar rebentar por maneira mais directa. As tradições da festa de Warburg, e as utopias da *joven Alemanha* (2) vislumbraram em suas expressões com toda a comitiva d'inflammaveis recordações e de esperanças subversivas: attonitas as abobadas de Scheleissheim repetiram imprecações e votos, a que seus echos solitarios não estavam acostumados pelas vozes dos reis bavaros e de Napoleão. Ouvindo as declamatorias reminiscencias da universidade, Guilhermina calava; mas Eberhard em razão do seu cargo contradizia ás vezes as phrases impetuozas do seu amigo, dando-se tambem a circumstancia de não ter adoptado iguaes opiniões no curso da vida escolastica. Quezilava o pintor com ouvintes, que nem o incitavam, nem o applaudiam: e Eberhard dizia, olhando expressivamente para Guilhermina:

— “Ha desventuras irreparaveis em todos os bandos politicos; por isso respeito todas as convicções, e não desejo as mudanças violentas, que as offendem, sem lhes poder alterar a essencia... Tu [disse para Hasslinger] não attendes senão aos triumphos, não olhas para as victimas...” —

A final, a questão não valia a pena de se prolongar entre dois amigos: deixaram o palacio, seguiram para a pousada: iam juntos, mas cada um de per si tinha intima vontade de se achar só e em repouso. Hasslinger, na primeira occasião que se lhe offereceu, chamou a occultas o guarda do edificio.

— “Estarão abertos os quartos baixos do palacio?...” — lhe perguntou o pintor.

— “Não senhor; mas lá de vez em quando arrecadam-se para ahí os paineis que S. Magestade manda de Munich, á espera que se vão pôr na galeria, onde elle determina.” —

— “Fazes-me o favor de me mostrar esses quadros?...” —

— “Não posso; por modo nenhum; é cousa que me prohibiram com todo o rigor.” —

Não se admirou Hasslinger desta fidelidade e escrupulosa obediencia alemã, porque bem a conhecia, e por isso mudou de bateria, perguntando com apparencia de quem pouco lhe importam as cousas.

— “Quem tem as chaves?...” —

— “O Sr. director.” —

— “Já percebo” — disse consigo o pintor; e voltando-se para o guarda com simulada compaixão lhe impingiu esta breve arenga.

— “Rapaz, não serei eu quem te deite a perder; o Sr. Eberhard nada hade saber; mas tu não vigias bem... Póde haver quem queira roubar os preciosos quadros, que vieram d'Italia... Dou-te de conselho que passes revista cuidadosa a esses quartos inferiores do palacio.” —

O guarda era natural das montanhas do Tyrol: os povos serranos são de ordinario supersticiosos, posto que valentes: o pintor colheu-o pelo fraco, e disse-lhe com intimativa, carregando o sobrolho:

(1) Allude ao celebre drama “o Fausto” do dramaturgo alemão.

(2) Sociedade secreta de crença e opiniões ultra-liberaes.

—“Vi um homem nesta janella [e apontou]; era madrugada; será alguma alma do outro mundo?...” —

—“O principe Max-Emmanuel habitava no primeiro andar, porem falleceu no pavimento debaixo....” — declarou o guarda com gesto assombrado, procurando todavia descortinar no semblante de Hasslinger indicio que o puzesse em duvidas ou o certificasse.

—“Aposto eu que era o principe Max [respondeu com toda a seriedade o viajante]. Amigo; procurar as chaves, que não debes ficar mal. Registraremos ambos os taes aposentos, qualquer destas noites, quando o tempo estiver..... hoje mesmo, se queres....” —

Ao cahir das sombras, o guarda veio ter com Hasslinger; trazia uma lanterna e um molho de chaves, mas no rosto claramente indicava temor e sobresalto. Hasslinger fingiu que não reparava nelle, deu-lhe as pistolas, que tinha de precaução, e ficou com uma durindana de Gottinga, que era a sua inseparavel: reflectindo porem que ao intentar descobrir á força o segredo de seu hospede, e de sua irmã, como suspeitava, lhe não conviria a testemunha, que por astucia seduzira, illudindo-lhe a crença e boa-fé, suspendeu os passos, e á entrada do vestibulo disse-lhe resolute e sereno: —

—“Tu és pai de cinco filhos.... dá-me as chaves e a luz; espera aqui até que eu volte, e no entanto resa a Deus por mim.” —

O guarda puxou d'algibeira por um desses desmesurados rosarios, que os franciscanos de Munich vendem á portaria do convento, no arrabalde de St.^a Anna, e o viajante, embrenhando-se nas trevas, desapareceu-lhe da vista.

O pintor foi atravessando successivamente, a passos firmes, algumas casas, solitarias e desardoadas: ao entrar na sala que recebia a luz da janella suspeita, admirou-se de ver esta aberta; e ainda mais, ao querer continuar, de não poder abrir a porta immediata; porque entrando a chave as meias portas não obedeciam. A janella aberta suggeriu-lhe a idéa de que alguém sahira por alli na intenção de voltar; pelo que sumindo a lanterna de furta-fogo, e encantando-se n'uma quina escura, resolveu-se o esperar. Passados vinte minutos um homem idoso trepou lentamente pela janella, da banda do terrado; mas não era o estrangeiro de capote. Este hospede novo, vestido como um creado, trazia um cabaz na mão: fechou com precaução os postigos, e passou por diante do pintor sem dar fé delle; empurrou a porta recalitrante, que logo se abriu: e depois tudo ficou em silencio. — Tão singular incidente demonstrou a Hasslinger quão prudentes disposições e cautelas exigia o alvo de sua indagação, para não peccar por indiscrição ou escandalo: voltou portanto ao vestibulo, onde o montanhez, de pistola em uma das mãos e contas na outra, não perdia da vista o atalho da granja, temendo tanto Eberhard como a mais implacavel alma do outro mundo.

—“Enganei-me [disse-lhe o pintor] por esta noite.... Lá mais para o diante veremos.... apagai a luz e guardai segredo.” —

(Continuar-se-ha.)

ARRHAS POR FÓRO D' HESPAÑA.

1371 — 2.

I

A arraya-miuda.

O sino das avemarias, ou da oração, tinha dado na

torre da sé a ultima badallada, e pelas frestas e portas dessa multidão de casas, que apinhadas á roda do castello, e, como enfeixadas e comprimidas pela apertada cinta das muralhas primitivas de Lisboa, pareciam mal caberem nellas, viam-se fulgurar aqui e acolá as luzes interiores, emquanto as ruas, tortuosas e immundas, jaziam como baralhadas e confusas sob o manto das trevas. Era chegada a hora dos terrores: porque naquelles bons tempos a estreita senda de um bosque deserto não era mais triste, temerosa, e arriscada que a propria rua-nova, a mais opulenta e formosa da capital, pela escuridão da noite. O que porem havia abi desacostumado e estranho era o completo silencio, e as trevas profundas em que jazia sepultado o paço d'apar S. Martinho, onde então residia elrei D. Fernando, ao mesmo tempo que pelos becos e encrusilhadas soava um tropear de passadas, um sussurro de vozes vagas que pareciam indicar que as ondas populares tinham sido agitadas pelo vento de Deus, e que ainda esse mar revolto não tinha inteiramente cahido na calma e somnolencia que vem apoz a procella.

E assim era com effeito, como o leitor poderá averiguar por seus proprios olhos e ouvidos, se, manso e manso, e disfarçado, quizer entrar conosco na mui affamada e antiga taberna de Folco Taca, que nos fica bem perto, logo ao sahir da sé, na rua que sobe para os paços da alcaçova, sete ou oito portas acima dos paços do concelho.

A taberna de messer Folco Taca, genovez, que viera a Portugal ainda impubere, como pagem d'armas do famoso almirante Lançarote Peçanha, e que havia annos abandonára o serviço da guerra e do mar, para se dar á mercancia, era a mais celebre entre todas as de Lisboa, não só pelo luxo do seu adereço, e bondade dos liquidos encerrados nas cubas monumentaes que a pejavam, mas tambem porque em um aposento mais retirado e interior, uma vasta banca de pinho e muitos assentos rasos, ou escabellos, offereciam todo o commodo aos tavollageiros de profissão, para perderem ou ganharem ahi ao curre-curre, á jaldeta, ou aos dados, os bellos alfonsins e maravedis d'ouro, ou as estimadas dobras de D. Pedro 1.^o, que pelo contrario dos seus antecessores e successores julgára ser mais rico e poderoso fazendo cunhar moeda de bom toque e peso, do que roubando-lhe o valor intrinseco, e augmentando-lhe o nominal, segundo o costume de todos os reis no começo do seu reinar.

Messer Folco soubera estender grossas nevoas sobre os olhos do corregedor da corte e de todos os saíões, algozes, e mais familia da nobre raça dos alguazils, sobre a illegalidade de um semelhante estabelecimento industrial. O elixir que elle empregára para produzir essa maravilhosa cegueira não sabemos nós qual fosse; mas é certo que não se perdeu com a alchimia, porque se vê que elle existe em mãos abençoadas, produzindo ainda hoje repetidos milagres em tudo analogos a este.

Era pois na taberna-tavollagem, das portas de ferro, conhecida vulgarmente por tal nome, em consequencia da visinhança desta porta da antiga cerca, onde os ruidos vagos e incertos, que sussurravam pelas ruas da cidade, soavam mais alta e distinctamente, como em sorvedouro marinho as ondas, redemoinhando e precipitando-se, estrepitam no centro da voragem com mais soturno e retumbante fragor. A vasta quadra da taberna estava apinhada de gente, que trasbordava até o breve terreirinho da sé, fallando todos a um tempo, accesos ao que parecia em violentas disputas, que ás vezes eram interrompidas pelo mais alto brado das pragas

e blasphemias, indício evidente de que o successo que motivava aquella assuada ou tumulto era negocio que excitava vivamente a colera popular.

Já no fim do seculo 14.^o era o povo, assim como hoje, colerico. Então coleras d'infancia; hoje aborrimientos de velhice.

Se na rua o borbório era tempestuoso e confuso, dentro da casa de messer Folco, a bulha podia-se chamar infernal: para um dos lados, no meio de uma espessa mó de populares, ouviam-se palavras ameaçadoras, sem que fosse possível perceber contra qual ou quaes individuos se accumulava tanta sanha; para outra parte, d'entre o vozear de uma cerrada pinha de mulheres, cuja vida de perdição se revelava nos seus coromens de panno d'Arraz, nos cintos escuros, nas camisas e véus desadornados e lisos, rompiam risadas discordes e esganiçadas, em que se sentia profundamente impresso o descaro e insolencia daquellas desgraçadas. Em cima dos bofetes viam-se picheis e taças vazias, e debaixo de alguns delles corpos estirados, que simulariam cadaveres, se os assovios e roncões que ás vezes sobressahiam atravez do ruido daquelle respeitavel congresso, não provassem que esses honrados cidadãos, suavemente embalados pelos vapores do vinho e do entusiasmo, tinham adormecido na paz de uma boa consciencia. Emfim, a composta e illustre taberna do antigo companheiro de gloria de micer Lançarote, estava visivelmente prostituida e livelada com as mais immundas e vis baiúcas de Lisboa. O gigante popular tinha ahí assentado a sua curia feroz, e pela primeira vez o vicio e a corrupção tinham transposto aquelles umbraes sem sua mascara de modestia e gravidade. Sobre os farrapos do povo não teem cabida os adornos de ouropel: — é a unica differença moral, que ha entre elle e as classes superiores que se creem melhores, porque no gymnasio da civilisação aprendem desde a infancia as destrezas e os momos de uma compostura hypocrita.

O astro que parecia allumiar com sua luz, aquecer com seu calor aquelle turbilhão de planetas; o centro moral á roda do qual gravitavam todos aquelles espiritos, era um homem que dava mostras de ter bem quarenta annos, alto, magro, trigueiro, olhos encovados e scintillantes, cabello negro e revoltado, barba grisalha e espessa. Encostado a um dos muitos bofetes que adornavam o amplo aposento, e rodeado de uma basta pinha de populares de ambos os sexos que o escutavam em respeitoso silencio, a sua voz grossa e sonora sobressahia no ruido, e só se confundia com alguma jura blasphema que desfechava do meio das outras pinhas de povo, ou com as modulações das risadas, que vibravam naquelle ambiente denso e abafado, de certo modo semelhantes a um clarão affogueado que sulcasse rapidamente as trevas humidas e profundas do crypto subterraneo de cathedral visigothica.

De repente dois cavalleiros, cuja qualidade se conhecia pelos barretes de velludo preto adornados de uma pluma ao lado, pelas calças de seda golpeadas, e pelos cintos de pelle de gamo lavrados de prata, entraram na taberna, e rompendo por entre o povo que lhe alargava a passagem, chegaram ao pé do homem alto e trigueiro. Traziam os capeiros puchados para a cara, de modo que nenhum dos circumstantes pôde conhecer quem eram. Bastantes desejos passaram por muitos daquelles cerebros avinhados de o indagar; mas a mesma reflexão atou todas as mãos: ao longo da côxa esquerda dos embuçados via-se reluzir a espada, e no lado direito, apertado no cinto, que a ponta erguida do capeiro te deixava apparecer, descortinava-se o punhal, O

passaporte para virem assim afforrados era digno de todo o respeito, e ainda que entre a turba se achassem alguns homens d'armas, principalmente bésteiros, quasi todos estavam desarmados: tinha seus riscos, portanto, o pôr-lhes o visto popular.

Os dois cavalleiros fallaram em segredo por alguns minutos ao homem alto e magro, que de quando em quando meneava a cabeça fazendo um gesto de assentimento. Depois os dois desconhecidos romperam por entre a turba, que os examinava com uma especie de receio misturado de respeito, e foram assentar-se em dois dos escabellos enfileirados ao correr da parede. Encostando os cotovellos em um bofete com as cabeças cerradas entre os punhos, ficaram immoveis e como alheios ao sussurro que começava a alevantar-se de novo á roda delles.

Este durou breves instantes: um *ció* do homem alto e magro fez voltar todos os olhos para aquella banda. Subindo a um escabello elle deu signal com a mão de que pertendia fallar.

«Ouvide! Ouvide!» bradaram alguns que pareciam os maioraes daquelle multidão desordenada.

Todos os pescoços se alongaram a um tempo, e viram-se muitas mãos callosas erguerem-se encurvadas e formarem em volta das orelhas de seus donos uma especie d'anel acustico. O orador principiou:

«Arraya miuda! (1) tendes vós já elegido, entre vós outros, cidadãos bem fallantes e avisados para propor vossos embargos e razoados contra este maldito e descommunal casamento d'elrei com a mulher de João Lourenço da Cunha?»

«Todos á uma entendemos que deveis ser vós, mestre Fernão Vasques: — respondeu um velho, cuja calva pulida reverberava os raios d'uma das lampadas pendentes do tecto, e que parecia ser homem de conta entre os populares. — Quem ha ahí entre a arraia miuda mais discreto e aposto para taes autos que vós? Quem com mais urgentes razões proporia nosso agravo e a deshonor e vilta d'elrei do que vós o fizestes hoje na mostra que demos ao paço esta tarde?»

«Alcacere, alcacere! por nosso capitão Fernão Vasques» bradou unisona a chusma.

«Fico-vos obrigado, mestre Bertolameu Cham-bão! — replicou Fernão Vasques, socegado o tumulto. Pelo razoado d'hoje terei em paga a forza se a adultera chega a ser rainha: pelo de ámanhã terei as mãos decepadas em vida, se elrei com suas palavras mansas e enganosas quizer apaziguar o povo. E tende vós por averiguado, mestre Bertolameu, que o carrasco sabe apertar melhor o nó da corda na garganta, que eu o ponto em peitilho de saio, ou em costura de redondel ou pelote — e que o cutello do algoz entra mais rijo no gasnate de um christão que a vossa enchó n'uma aduella de pipa.»

«Nanja emquanto na minha aljava houver almazem, e a garrucha da bésta me não estourar:» — exclamou um bésteiro de conto, cambaleando e erguendo-se debaixo d'um bofete onde o haviam derubado certas perturbações d'entusiasmo politico.

«Amen dico vobis!» — gritou um beguino, cujas faces vermelhas, e voz de Stentor brigavam com o

(1) Fernão Lopes dá a entender (Chr. de D. João 1.^o P. 1.^a c. 44) que a denominação de *arraia miuda* se começára a dar aos populares no principio da revolta a favor do Mestre d'Aviz, para os distinguir dos nobres, pela maior parte fautores de D. Leonor e dos castelhanos; mas este titulo chocarreiro o havia tomado para si o povo miudo antes e com muita seriedade. Em um documento de 1305 (Chancell. de D. Diniz L. 3.^o das Doações fol. 42 v.) se diz que outorgavam certas cousas os cavalleiros, juizes e concelho de Bragança e toda a arraia miuda. (Nota para os estafadores de chronologias.)

habito de grosseiro burel e com as desconformes camandulas que lhe pendiam da cinta.

«Olá, Fr. Roy Zambrana, falla linguagem christenga se queres vir nesse bordo por nossa esteira:» —bradou um petintal d'Alfama, que segundo parecia capitaneava um grande troço de pescadores, barqueiros e galeotes daquelle bairro, então quasi exclusivamente povoado de semelhante gente.

«Digo por linguagem — acudiu o beguino — que ninguem como mestre Fernão Vasques é homem de cordura e sages para ámanhã fallar a elrei aguisadamente sobre o feito de casamento de Leonor Telles, do mesmo modo que ninguem leva ventagem ao petintal Ayras Gil em ousadia para fugir ás galls de Castella, e doestar os bons servos da igreja.»

Era uma allusão pessoal: — uma risada ruidosa e longa correspondeu á mordente desforra de Fr. Roy, que abaixou os olhos com certo modo hypocritamente contrito, semelhante ao gato que, depois de dar a unhada, vem rogar-se mansamente pela mão que ensanguentou.

Fr. Roy era tambem como Ayras Gil um idolo popular, e a má vontade que parecia haver entre o beguino e o petintal não era porventura mais que uma emulação; — uma duvida sobre a altura relativa do throno de encrusilhada, do throno de lama e farapos em que cada um delles se assentava.

Se pois aquella multidão não estivesse persuadida da superioridade intellectual do alfaiate Fernão Vasques, a opinião desses dois oráculos lhe não teria deixado a menor duvida sobre isto. Todavia nas palavras de ambos havia um pensamento escondido — pensamento de odio que nascêra n'um dia, e n'um dia lançára profundas raizes nos corações de ambos. O marinheiro e o eremita tinham pensado ao mesmo tempo que, lisongeando esse homem mimoso do vulgo, tirariam juntamente dois resultados, o de ganharem maior credito entre este, e de aplanarem a estrada da forca ao novo rei das turbas, erguido havia poucas horas sobre os broqueis populares.

Mas que auto era este de que o povo fallava? Sa-be-lo-hemos remontando um pouco mais alto.

O amor cego d'elrei D. Fernando pela mulher de João Lourenço da Cunha, D. Leonor Telles, havia muito que era o pasto saboroso da maledicencia do povo, dos calculos dos politicos, e dos enredos dos fidalgos. Ligada por parentesco com muitos dos principaes cavalleiros de Portugal, D. Leonor, ambiciosa, dissimulada e corrompida, tinha empregado todas as artes do seu engenho prompto e agudo em formar entre a nobreza uma parcialidade que lhe fosse favoravel. Quanto a elrei, a paixão violenta em que este ardia lhe assegurava a ella o completo dominio no seu coração. Mas as miras daquelle mulher, cuja alma era um abysmo de cubiça, de desenfreamento, de altivez, e de ousadia, batiam mais alto do que na triste vangloria de ver a seus pés um rei bom, generoso e gentil: atravez do amor de D. Fernando ella só enxergava o refulgir da coroa, e o homem sumia-se nesse esplendor. O nome de rainha misturava-se em seus sonhos; era o significado de todas as suas palavras de ternura, o resumo de todas as suas caricias, a idéa primitiva de todas as suas idéas. Leonor Telles não amava elrei, como o provou o tempo; mas D. Fernando cria no amor della; e este principe, que seria um dos melhores monarchas portuguezes, e que a muitos respeitos o foi, deixou na historia, quasi sempre superficial, um nome deshonorado, por ter escripto esse nome na horrivel chronica da Lucrecia Borgia do seculo 14.^o Uma difficuldade, quasi insuperavel para outra que não fosse D. Leonor, se interpunha entre

ella e seus ambiciosos designios. Era casada! Um processo de divorcio por parentesco, julgado por juizes affeitos a D. Leonor, ou que sabiam até onde chegava a sua vingança, a livrou desse tropeço. Seu marido, João Lourenço da Cunha, atterrado fugiu para Castella, e D. Fernando, casado, segundo se dizia, a occultas com ella muito antes da epocha em que começa esta narrativa, viu emfim satisfeito o seu amor insensato.

Aquelles d'entre os nobres que ainda conservavam puras as tradições severas dos antigos tempos, indignavam-se pelo opprobrio da corôa, e pelas consequencias que devia ter o repudio da infante de Castella, cujo casamento com elrei ajustado e jurado este desfizera, com a levesa que se nota como defeito principal no caracter de D. Fernando. Entre os que altamente desaprovavam taes amores, o infante D. Diniz, o mais moço dos filhos de D. Ignez de Castro, e o velho Diogo Lopes Pacheco (2) eram, segundo parece, os cabeças da parcialidade contraria a D. Leonor: aquelle pela altivez de seu animo; este por gratidão a D. Henrique de Castella, em quem achára amparo e abrigo no tempo dos seus infortunios, e que o salvára da triste sorte de Alvaro Gonçalves Coutinho, e de Pedro Coelho, seus companheiros no patriotico crime da morte de D. Ignez.

O casamento d'elrei, ou verdadeiro ou falso, era ainda um rumor vago, uma suspeita. Os nobres porem que o desaprovavam souberam transmittir ao povo os proprios temores; e a agitação dos animos crescia á medida que os amores d'elrei se tornavam mais publicos. D. Fernando tinha já revelado aos seus conselheiros a resolução que tomára, e estes, posto que a principio lhe fallassem com a liberdade que então se usava nos paços dos reis, vendo suas diligencias baldadas, contentaram-se de condemnar com o silencio essa malaventurada resolução. O povo porem, não se contentou com isso.

Nas idéas desse tempo alem das considerações politicas, semelhante consorcio era monstruoso aos olhos do vulgo, por um motivo de religião, o qual ainda de maior peso seria hoje e se-lo-ha em todos os tempos, em que a moral social fór mais respeitada do que o era naquella epocha. Tal consorcio constituia um verdadeiro adulterio, e os filhos que de ahí proviessem poderiam ser considerados como infantes de Portugal, e por consequencia como fiadores da successão da corôa.

A irritação dos animos assoprada pela nobreza tinha chegado ao seu auge, e a colera popular rebentára violenta na tarde que precedeu a noite em que começa esta historia.

Tres mil homens se tinham dirigido tumultuaria-

(2) Fernão Lopes afirma que Pacheco não tornára ao reino desde que fugira por escapar á vingança de D. Pedro 1.^o por causa da morte de D. Ignez, senão no anno de 72 em que viera por embaixador d'elrei D. Henrique. Isto parece inexacto; Fr. Manuel dos Santos afirma o contrario fundado na restituição de todos os seus bens e titulos feita por D. Fernando no começo do seu reinado. Não é isto que prova a assistencia de Pacheco em Portugal no anno de 1371, não só porque depois de vir podia voltar para Castella, mas porque essa restituição tambem podia ser feita estando e conservando-se elle ausente, visto que a fruição de um titulo, ou de terras da corôa, por simples mercê, não obrigando a serviço pessoal, ao menos até o tempo de D. João 1.^o, não tornava necessaria a presença do donatario no reino. O que prova a verdade da opinião de Santos é a doação feita a Diogo Lopes em 1371 (Reg. de D. Fern. f. 84) da terra de Trancoso para pagamento de sua quantia, o que suppõe serviço pessoal; porque era pelas quantias que os fidalgos estavam obrigados a faze-lo. (Nota para os estafadores de bagatellas historicas).

mente ás portas do paço, dando apenas tempo a que as cerrassem. A vozeria e estrepito que fazia aquella multidão desordenada assustou elrei que por um seu privado mandou perguntar o que *lhes prazia*, e a que eram assim reunidos. Então o alfaiate Fernão Vasques, *capitão e propoedor por elles*, como lhe chama Fernão Lopes, affeou em termos violentos as intenções d'elrei, regalando D. Leonor dos titulos de má mulher e feiticeira, e asseverando que o povo nunca havia de consentir em seu casamento adultero. A arenga rude e vehemente do alfaiate orador, acompanhada e victoriada de gritas insolentes e ameaçadoras do tropel que o seguia, moveu elrei a responder com agradecimentos ás injurias, e a affirmar que nem D. Leonor era sua mulher, nem o seria nunca, promettendo ir na manhã seguinte aclarar com elles este negocio no mosteiro de S. Domingos, para onde os emprazava. Com taes promessas pouco a pouco se aquietou o motim e ao cahir da noite o terreiro d'apar S. Martinho estava em completo silencio; e como se na solidão elrei quizesse consultar consigo o que havia de dizer ao seu bom e fiel povo de Lisboa, as vidraças coradas das esguias janellas dos paços reaes, que vertiam quasi todas as noites o ruido e o esplendor dos saráus, cerradas nesta hora, e caladas como sepulchro, contrastavam com o reluzir dos fachos por entre o estrepito das ruas, com o rir das mulheres perdidas e dos homens embriagados; com o perpassar continuo dos magotes e pinhas de gente, que se encontravam, uniam, separavam, retrocediam, vacillavam, ficavam immoveis, aglomeravam-se para se desfazer, desfaziavam-se para se aglomerar de novo, sem vontade e sem constrangimento, sem motivo e sem objecto, vulto inerte, movido ao acaso, como as vagas do mar, tempestuoso e irreflectido como ellas. Feroz na sua colera não—rasoada, ferocissimo no seu rir insensato, o vulgo passava, rei de um dia; esse ruido, essa vertigem que o agitava era o seu baile, a sua festa de triumpho; e as estrellas de serena noite d'agosto, semelhantes a lampadas pendentes de abobada profunda, allumiavam o saráu popular, as salas do seu folgar — a praça e a encruzilhada. Era a um tempo truanesco e terrivel!

Na taberna de messer Folco, onde deixámos as personagens principaes desta historia, para inserir, talvez fóra de lugar, o prologo ou introdução a ella — as aclamações freneticas dos populares tinham tornado indubitavel que o *propoedor* para o ajuntamento do dia seguinte devia ser o mui avisado e sagaz mestre Fernão Vasques: Fr. Roy era de todos os circumstantes o que mais parecia ter a peito esta escolha, e o petintal Ayras Gil o ajudava poderosamente com o ruido dos amplos pulmões dos galcotes d'Alfama, contrahidos como em voga arrancada pelo victoriar de seu capitão. O alfaiate não pôde resistir, nem porventura tinha vontade disso, a tanta popularidade, e em pé sobre o escabello com a cabeça levemente inclinada para o peito, n'uma postura entre de resignação e de bemaventurança, tremulava-lhe nos labios semi-abertos um sorriso que revelava uma parte dos mysterios de seu coração. Em fim quando a grita começou a asserenar, Fernão Vasques ergueu a cabeça, e com aspecto grave deu signal de que pertendia fallar ainda.

Fez-se de novo silencio.

«Seja pois como quereis:—disse o alfaiate—mas vede o grão risco a que me ponho por vós outros. Fallarei eu a elrei com liberdade portugueza: proporei vosso agravo, e a deshonra e feio peccado de sua real senhoria, mas é necessario que vós todos quantos ahi sois, estejais de alcateia, e ao romper

d'alva no alpendre de S. Domingos. Dizem que a adultera é mulher de grande coração e ousados pensamentos; em Lisboa estão muitos cavalleiros seus parentes e parciaes. Besteiros deste concelho, que não vos esqueçam em casa vossas béstas e aljavas! — Pêoada de Lisboa levai vossas azevas! Os trons e engenhos do castello — accrescentou o alfaiate em voz mais baixa, e hesitando — não vos apoquentarão, ainda que elrei o quizesse, porque o alcaide-mór João Lourenço Bubal não é dos affeoados a D. Leonor Telles. Santa Maria e Santiago sejam conosco! — Alcacere, alcacere, pela arraia miuda! A repousar, amigos!»

«Alcacere, alcacere!»—respondeu a turbamulta.

«Morra a comborça!» gritou Ayras Gil com voz de trovão. «Morra a comborça!» repetiram os galiotes e as virtuosas matronas dos coromens d'arráz e cintos pretos, que assistiam áquelle conclave.

«Olha Ayras, que S. Martinho fica perto e contam que D. Leonor tem ouvido sutil» — disse Fr. Roy ao petintal com um sorriso diabolico.

«Dôr de levadigas te consumam, frade! — replicou o petintal.—«Quando eu quero que me ouçam é que fallo alto. Alcacere por sua senhoria o bom rei D. Fernando! Deus o livre de Castella e de feitiços!»

O petintal emendava a mão como podia. E entre morras e alcaceres; entre risadas e pragas; entre ameaças vãs e insultos inuteis, aquella vaga de povo, contida na taberna de messer Folco, espraizou-se pelas ruas, derivou-se pelas quelhas, vielas e becos, embebeu-se pelas casinhas e choupanas, que nessa epocha jaziam muitas vezes deitadas junto ás raizes dos palacios feudaes na velha e opulenta Lisboa.

Com os braços cruzados, o alfaiate contemplava aquella multidão que diminuia rapidamente, e cujo sussurro alongando-se era similhavel ao gemido do tufão, que passa de noite pelas garças d'uma campina bravia. Ainda elle tinha os olhos fitos no portal por onde sahira o vulto indelineavel chamado povo, e já ninguem ahi estava, salvo os dois cavalleiros que se tinham conservado immoveis na mesma postura que haviam tomado, e Fr. Roy, que se estirara sobre um dos bofetes, e já roncava e assobiava como em somno profundo.

Os dois cavalleiros ergueram-se, e descobriram os rostos: a um ainda a barba do homem não punhia nas faces: o outro, na alvura das melenas brancas, que trazia cahidas sobre os hombros á moda de Castella, e no rosto sulcado de rugas, certificava ser já bem larga a historia de sua peregrinação na terra.

O mancebo olhou para Fernão Vasques que parecia absorto, e depois para o velho com um gesto de impaciencia. Este olhou tambem para elle, e sorriu-se. Depois o ancião chamou o alfaiate em voz baixa mas perceptivel.

Este, como se cahisse em terra da altura dos seus pensamentos, estremeceu, e saltando do escabello onde ainda se conservava em pé, encaminhou-se rapidamente para os dois cavalleiros:

«Senhor infante, que vossa mercê me perdoe e o Sr. Diogo Lopes Pacheco! — Á fé que no meio deste arruido quasi me esquecêra de que creis aqui. Estais desenganados por experiencia propria de que posso responder pelo povo, e que ámanhã não faltarão em S. Domingos?»

«Na verdade — respondeu o mancebo — que tu governas mais nelle que meu irmão com ser rei! Veremos se ámanhã te obedecem como te obedeceram hoje.»

«És um notavel capitão—acrescentou Diogo Lopes, rindo e batendo no hombro do alfaiate—se fosses capaz de reger assim em hoste uma bandeira d'homens d'armas merecias a alcaidaria de um castello»

«E podeis estar certo que só o entregaria no alto e no baixo, irado e pagado, de noite ou de dia, áquelle que de mim tivesse preito e menagem.»

«Do que fico certo—interrompeu o velho Pacheco no mesmo tom em que começara—é que tu já estudaste a fórma do preito para o que dêsse e viesse. Mas ainda quizêra ter mais uma certeza e é, de que não me será preciso cozer á ponta de punhal a boca de quem ousar dizer que o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco cruzaram esta noite a porta da taberna do genovez Folco Taca.»

Quando estas ultimas palavras, pronunciadas lentamente, sahiram dos labios do que as proferia, os roncões e assobios do beguino que dormia foram mais rapidos e tremulos.

«Quem é aquelle eremita? —proseguiu Diogo Lopes apontando para Fr. Roy com um gesto de desconfiança.

«É um dos nossos—respondeu o alfaiate—um dos que mais tem encarnizado a arraia miuda contra a feiticeira adultera; na assuada desta tarde foi um dos que mais gritaram defronte dos paços d'elrei. Por este respondo eu. Não tereis, senhor Diogo Lopes, de lhe cozer a boca á ponta de vosso punhal.»

«Responde por ti, honrado capitão da arraia miuda—replicou o velho cortezão—Quem me responde por elle é o seu dormir profundo: quem me respondia por elle, se acordando nos visse aqui, seria este ferro de Toledo que trago na cinta. Agora o que importa. Em quanto ámanhã elrei se demorar em S. Domingos, um troço d'arraia miuda e besteiros ha-de commeter o paço, e ou do terreiro, ou rompendo nos aposentos interiores, é necessario que uma pedra perdida, um tiro de bésta disparado por engano, uma azevan brandida em algum corredor escuro, nos assegure que elrei não póde deixar de attender ás supplicas dos seus leaes vassallos, e dos cidadãos de Lisboa.

«Morta! —exclamou o infante com um gesto de horror—Não, não, Diogo Lopes, não ensanguenteis os paços de meu irmão, como»

«Como ensanguentei os paços de Santa Clara—matou Pacheco—dizei-o francamente; porque nem remorsos me ficaram cá dentro. Senhor infante, vós esquecestes-vos disso; porque eu posso e valho com elrei de Castella! Senhor infante, a ambição tem que saltar muitas vezes por cima de vestigios de sangue! Vós passastes ávante e não vistes os do sangue de vossa mãe! Porque hesitareis ao galgar os do sangue de Leonor Telles? Senhor infante, quem sobe por sendas ingremes e por despenhadeiros tem a certeza de precipitar-se no fojo, se covardemente recua.»

D. Diniz tinha-se tornado pallido como um cadaver: não respondeu nada: mas dos olhos rebentaram-lhe duas lagrymas.

Fernão Vasques escutou a prelecção politica do velho matador de D. Ignez de Castro com religiosa attenção. E resolveu tambem lá comsigo não se deixar cahir no fojo.

«Far-se-ha como apontais:—disse elle fallando com Diogo Lopes—mas se os homens d'armas e besteiros de João Lourenço Bubal descerem do castello»

«Não te disse, ainda pouco ha, que João Lourenço ficaria quedo no meio da revolta?—Podes es-

tar socegado, que não te certifiquei disso só para animares o povo. É a realidade. Agora trata de dispor as cousas para que não seja um dia inutil o dia d'amanhã.»

Pegando então na mão do infante, o feroz Pacheco sabiu da taberna, e tomou com elle o caminho da Alcaçova. Fernão Vasques ficou um pouco scismando: depois sahiu, dirigindo-se para a porta de ferro, e repetindo em voz baixa: «Não me precipitarei no fojo!»

Passados alguns instantes de silencio, Fr. Roy alevantou devagarinho a cabeça, assentou-se no bofete e poz-se a escutar: depois saltou para o chão, apagou a lampada que ardia no meio da casa, abandonada por Folco Taca, logo que o povo tumultuariamente a inundára, chegou á porta, escutou de novo alguns momentos, manso e manso encaminhou-se para a torre da Sé da banda do norte, e como um fantasma desapareceu cozido com a negra e alta muralha da cathedral.

A. H.

(Continuar-se-ha).

Os LIVROS são legados que ficam para a posteridade, com a natureza de morgados, passam d'uma a outra geração, com a vantagem de não diminuir o seu valor intrinseco como acontece a outros quaesquer bens do mundo.

INSCRIPÇÃO COMMEMORATIVA DA FAMOSA BATALHA DO SALADO.

NA igreja cathedral da cidade de Evora, junto á capella da invocação da Cruz, está em um esteio uma inscripção, que diz o seguinte:

Era de 1378. Rey Abenamarim Senhor de além do mar, confiando em si, e do seu grande haver, e poder, passou áquem do mar com Naforra, filha Del-Rey de Tunes para perseguir, e destruir os Christãos. Tarifa, e o seu poder era tamanho, que se não pode tomar, e pois Rey Dom Affonso vio, que não pode (1) ser certo, houve receio de por si veio a Portugal a demandar ajuda ao IV Affonso de Portugal seu Sogro, e a elle prove muito de lha fazer com seu corpo, e com seu poder, logo sem tardança compeçou o caminho para a fronteira; e mandou, que os seus se fossem apos elle. De Evora levou 100 Cavalleiros, e 1000 peoens, que Esteves Carvoeiro foi por Alferes. Lidarão com os Mouros, e o Rey de Portugal entendeu com ElRey de Granada, e Rey de Castella com Abenamarim, e foi merce de Deos, que nunca Mouro tornou rosto, e morrerão delles tantos, que não puderão dar conta. O Rey Abenamarim, e o de Granada fugirão. No Arrayal DelRey Abenamarim acharão grande haver em ouro, e prata, e o houve ElRey de Castella (2). Matarão alli Naforra, e muitos Mouros ricos, e outros Mouros, e meninos infinitos (3). Cativarão hum filho de Abenamarim, e hum seu sobrinho, e huma sua neta. Deos seja para sempre bento, por tanta merce, quanta fez aos Christãos.

A. C.

(1) Aqui está confuso o sentido.

(2) Na sé de Lisboa, na capella-mór, do lado do evangelho, no arco que fica junto ao presbyterio, está o tumulo d'elrei D. Affonso 4.º, lavrado em marmore preto, com uma figura em cima representando a Fama, com a propria trombeta que este forte monarcha ganhou na batalha do Salado em 1340, um dos mui limitados despojos que só quiz receber pelo poderoso auxilio que levava a seu genro, elrei D. Affonso 11.º, o justicceiro, de Castella.

(3) Esta victoria celebrou-se muitos annos com reza propria na igreja de Braga, como consta dos seus breviarios de mão, que yimos.